

Cultura Popular/Tradicional e Periférica

Cultura, Território e Juventude: A Música como Expressão e Resistência no Cotidiano da Classe Trabalhadora

Bruna Cardoso Franco¹
Carollaine do Carmo de Oliveira²
Ana Patrícia Pires Nalesso³

Resumo.

Partindo do entendimento de que os sujeitos são históricos e que para os jovens da classe trabalhadora, a vida ganha contornos próprios, o objetivo deste trabalho é se aproximar das manifestações culturais da juventude desta classe. A partir de revisão bibliográfica, pautada em autores que discutem a cultura enquanto construção social marcada pelo espaço vivido, destacou-se a relevância das expressões musicais, que embora submetidas ao mundo do mercado musical, marcado pelo consumo de massa e a pasteurização, possibilita aos jovens um espaço de manifestação, de expressão, criando possibilidades de construção de pertencimento e até mesmo resistências.

Palavras-chave: Cultura; Classe Trabalhadora; Juventude; Território; Resistência.

Abstract:

Starting from the understanding that individuals are historical subjects and that for the working class youth, life takes on its own and unique contours. The purpose of this work is to approach the cultural expressions of the youth from this class. Based on a literature review grounded in authors who discuss culture as a social construct shaped by the territory, the relevance of musical expressions was highlighted. Although these expressions are subjected to the world of the music market, marked by mass consumption and homogenization, they provide young people with a space to express themselves, creating possibilities for the construction of belonging and even forms of resistance.

Keywords: Culture; Working Class; Youth; Territory; Resistance.

¹Estudante de graduação de serviço social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). e-mail: bruna.cardoso.franco@uel.br

²Estudante de graduação de serviço social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). e-mail: carollaine.carmo@uel.br

³ Docente do departamento de serviço social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em Serviço Social e Política Social. e-mail: anapatriciapn@gmail.com

1 - INTRODUÇÃO

Hoje assistimos a mídia apontar e contribuir para o “protagonismo” da juventude nas produções midiáticas, no uso das novas tecnologias, nos espaços de consumo. Existem marcas de maquiagem, roupas e acessórios específicos para faixa etária. Há também, jovens produtores de conteúdos, mercadorias inovadoras que arrastam fãs e consumidores implacáveis e acalentam o sonho de milhares de outros jovens que desejam ganhar fama e riqueza. Metamorfosados de originalidades, revoltas e exigência de reconhecimento de seu lugar na sociedade, cada vez mais o mercado consumidor jovem aquece o mercado. Nesse complexo emaranhado onde se situa a sociedade do “desejo do consumo”, jovens das diferentes classes sociais procuram se afirmar a partir da imposição do consumo de massa, a que com certeza, não escapam as manifestações culturais. Música, cinema, plataformas de entretenimento, todas de forma geral trazem expressões bastante palatáveis ao gosto da contemporaneidade voltadas inevitavelmente aos interesses do capital.

Entender toda essa lógica, sem deixar de lado as especificidades da vida dos jovens da classe trabalhadora, que ganham cores, sons e ritos próprios da dureza da vida da classe trabalhadora e se mesclam com sonhos, frustrações e buscas próprias da juventude é de extrema relevância se pensarmos na possibilidade de alternativas a normatização da vida. Frente a isso, nossa discussão neste artigo pretende se aproximar da compreensão das manifestações culturais da juventude da classe trabalhadora partindo da premissa que os sujeitos são construções históricas, e conforme Marx (2006), fazem sua história, mas a fazem segundo suas condições materiais de vida. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica nos focando em autores que pautam a discussão da cultura enquanto construção social, entrelaçado a isso, buscamos a discussão da construção do sujeito enquanto ser social que é atravessado por signos e diferentes sentidos, compreendendo que esses sujeitos se constituem em um território que é onde se manifestam enquanto sujeitos, para então chegarmos nas manifestações musicais prevalentes entre os jovens dos territórios habitados pela classe trabalhadora.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

2 - DESENVOLVIMENTO

É na dinâmica do processo histórico que se constitui a cultura, processo este que além de dinâmico é complexo, e composto por inúmeras contradições. Nesse sentido, a vivência da chamada realidade, bem como as construções dos significados são processos imbricados por inúmeros elementos tanto tradicionais do modo de vida, quanto com outras mediações que criam e recriam os signos em novos significados e sentidos.

Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. (Williams, 2008, p.02)

Dessa forma, a cultura pode ser apreendida como ‘forma de vida’ e inclui a totalidade das experiências humanas, que abrange práticas cotidianas, crenças, valores, significados que constroem o modo de pensar pautado numa realidade mediada por relações sociais, econômicas e políticas.

Nesse sentido, é preciso identificar que ‘forma de vida’, ou seja, a cultura é constitutiva dos processos de formação das sociedades e, portanto, está condicionada a determinado modo de produção e na sociedade capitalista contemporânea temos a produção de diferentes mercadorias, que vão até mesmo potencializando novas necessidades sem no entanto garantir a grande parte da população o acesso a elas,

Sob o sistema capitalista, a satisfação das necessidades por meio do trabalho impõe à maioria dos seres humanos, expropriados dos meios de produção, uma existência premida por necessidades básicas e, ao mesmo tempo, a geração de novas e infinitas necessidades associadas ao consumo irrefreado de mercadorias que não estão disponíveis para aqueles que as produzem. (Facina, 2007, p. 02)

Nessa sociedade desigual, os sujeitos fazem história, constroem suas vidas se objetivando dia a dia, nas suas relações com outros sujeitos. São sujeitos dotados de

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sentidos (Sombra, 2015), que atribuem significados às coisas e aos fenômenos e ao mesmo tempo são significados pelo próprio processo da vida.

Assim, os signos são elementos importantes no cotidianos dos diferentes sujeitos e

devem ser pensados, genericamente, como diretamente associados a *significantes*, “instrumentos” captáveis pela percepção, capazes de serem identificados de forma singular no decorrer do tempo e associados a determinados significados, aparentemente duradouros no tempo – muito embora, também transformáveis historicamente (Sombra, 2015).

Esses signos, vão variar de importância e valor, segundo o momento histórico e especificamente segundo a cotidianidade de cada sujeito singular ou coletivo. Cada sujeito, individual ou coletivamente, vai objetivar signos semelhantes ou diferentes a partir do contexto histórico e da classificação a qual se encontra identificado pela rede de sentidos. Os signos nessa rede são, por sua vez, dotados de valores, posicionados hierarquicamente em um sistema complexo de relação e classificação que no sistema capitalista apresenta uma dinâmica própria

Os signos não se desenvolvem isoladamente, mas são criados, aplicados e desenvolvidos numa rede de intencionalidades e valorações que lhes são pertinentes. Chamemos essa rede de *rede de sentidos*. Usamos o termo *sentido*, aqui, para abordar certa compreensão abrangente, não totalmente explicitável e com algum grau de coerência, basilar para uma série de operações parciais, como a ação dos sujeitos, mas também a significação de uma palavra ou de um enunciado. (Sombra, 2015).

Nesse processo, é importante demarcarmos que os signos vão se entremeando a vida de todos e cada qual vai se forjando a partir do recebimento de atributos que os qualificam, desde a designação de nome até os signos que se complexificam com a valoração que lhes são atribuídos (tanto ao indivíduo, quanto a grupos).

Na vivência cotidiana, existe um lócus de naturalização da pobreza e das violências vivenciadas pela classe trabalhadora, assim, no cotidiano da vida, delimitadas pela posição de classe vão se construindo os sujeitos. Toda essa dinâmica ganha corpo a partir do local onde o sujeito está, seu locus de relações, espaço onde sua cotidianidade se materializa, ou seja, o território. Nesse sentido,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

capturar o espaço onde se expressam as relações sociais é fundamental para nos aproximarmos das expressões culturais dos jovens da classe trabalhadora.

Território é elemento essencial na construção da rede de sentidos e precisa ser compreendido como território usado, como sendo “o chão mais a identidade” (Santos, 2011, p. 14), é desse uso que vão ganhando especificidades as relações entre os sujeitos. O território usado é, portanto, constitutivo da vida cotidiana.

Nas relações expressas no território é “[...] necessário perceber que a linguagem e a significação são elementos indissociáveis do próprio processo social, envolvidos permanentemente na produção e na reprodução da vida material” (Facina, 2007, p.5), ou seja, é preciso entender que “os signos não se desenvolvem isoladamente, mas são criados, aplicados e desenvolvidos numa rede de intencionalidades e valorações que lhes são pertinentes” (Sombra, 2015), bem como na historicidade dos processos sociais.

Williams aponta que toda sociedade tem formas, propósitos, significados próprios expressas nas instituições, artes e conhecimento em constante movimento e sempre historicizados. Teremos assim, a cultura em dois sentidos: “para designar todo um modo de vida - os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado - os processos especiais de descoberta e esforço criativo” (Williams, 2008).

Para Raymond Williams (2008), “A cultura é de todos”, isso implica identificar a cultura como parte constitutiva da materialidade dos sujeitos e das sociedades, compreendendo que a cultura envolve todas as sociedades e conseqüentemente os modos de pensar dos sujeitos, logo, a cultura tem relação direta com a rede de sentidos vivenciada e construída pelos sujeitos.

Entendendo que na sociedade capitalista, o elemento que recebe o máximo valor é o capital, há processos de aprisionamento da cultura numa espiral de pasteurização que massifica a produção e formata gostos e preferências nessa sociedade, os produtos culturais são oferecidos como mercadorias aos sujeitos que se tornam consumidores passivos dela.

A mercadorização da cultura é banalizada; Com o sistema das plataformas digitais, as produções têm alcance global e esse mesmo processo permite “aparições” divergentes, mas que são “canceladas” se saem muito da régua do capital, ou podem

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

até ser incorporadas e encorajadas por ele. O próprio mercado encontra estratégias para incorporar o que é diferente ao seu portfólio, mas somente capitalizando e lhe agregando valor de troca.

Além disso, a alienação provocada pelo capitalismo traz também uma dimensão subjetiva, relacionada a alienação de si mesmo - fazendo com que os seres humanos não se reconheçam no território e/ou em outros sujeitos, não se entendendo pertencente ao meio e ao mesmo tempo não se vendo como parte de um coletivo - trata-se do processo de uma desumanização (Facina, 2007).

De qualquer maneira, é fato que a cultura é campo de disputa, e não poderia ser diferente, uma vez que ela se constrói na própria dinâmica da vida, assim, as lutas e as resistências se materializam também nas expressões culturais. Podemos perceber as disputas dos padrões estéticos, sons, posturas e linguagens, e como essas disputas, pendem para quem tem mais controle econômico, mas mesmo assim ainda é um espaço de disputa que por vezes expressa a vida e o gosto das classes menos favorecidas, embora muitas vezes essas manifestações passam a ser capturadas pela lógica do capital.

Dito isso, tendo a cultura como significados e valores que constroem a vida de todos, a localizamos também enquanto campo contraditório, que se dá num espaço caracterizado por relações de poder e por 'negociações', mas que por ser campo em que se constituem sujeitos históricos, compreendemos que os sujeitos são também sujeitos que integram a cultura enquanto sujeitos de transformação, assim, entendemos que a juventude aparece no capitalismo tardio enquanto um novo protagonista (Netto, 1996), que pode se pautar pela transformação da realidade ou se adaptar a ela.

Nesse processo, destacamos o espaço que a sonoridade, portanto, que a música ganha na vida dos jovens. Cotidianamente, os jovens de modo geral, estão ligados em plataformas digitais que replicam músicas de variados ritmos, tipos, mas, majoritariamente o maior acesso ocorre nas manifestações musicais, pelo viés da indústria da música, que domina o mercado na promoção e distribuição das produções musicais.

As produções alternativas, artistas independentes, hoje conseguem até “encontrar uma brecha” para mostrarem sua arte através do streaming e redes

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sociais, mas a popularidade não garante rendimentos, o que por vezes acaba tirando o fôlego para essas produções.

Importa frisar que o capitalismo estrutura a sociedade em todas as suas determinações - econômicas, sociais, políticas e culturais, nesse sentido, cabe apontar que é um sistema que provoca a massificação da cultura por interesses determinados. É importante pontuarmos que tudo aquilo que sai da massificação da indústria acaba tendo um preço alto, o que cerceia o acesso dos jovens da classe trabalhadora, assim, a formação do gosto musical desses jovens majoritariamente fica restrita ao que a indústria da música coloca. Entretanto, o cotidiano, é repleto de possibilidades do real vivido, as relações sociais estabelecidas também permitem outros sentidos.

A classe trabalhadora, por vezes marcou na música suas lutas, o samba em sua origem mostrou magistralmente a vida do trabalhador e sua família, manifestação da alegria e agruras da vida sofrida desta classe em sua vivência periférica.

E hoje é possível colocar que a juventude também expressa sua vivência através da música: de forma própria ganhou as plataformas digitais e as ruas artistas com estéticas próprias, cantos peculiares, vozes que se levantam e cantam o dia a dia das zonas marginalizadas e invisibilizadas, a violência cotidiana que a desigualdade social carrega, o endurecimento das relações, a real desumanização.

[...] Sob um viés antropológico, essa noção de cultura da periferia pode ser vista como um conjunto de produções simbólicas e materiais que é produzido e reproduzido constantemente, por meio do qual se organizam formas de sociabilidade, modos de sentir e pensar o mundo, valores, identidades, práticas sociais comportamentos coletivos, etc.; o que caracteriza o estilo de vida dos membros das classes populares que habitam em bairros periféricos (Nascimento, apud Brunet, 2012, p.24).

O modo de sentir e viver o mundo para os jovens da periferia acabam influenciando e ao mesmo tempo incorporando estilos musicais como o rap e o funk, que permite em um primeiro momento, uma identificação e pertencimento a muitos destes jovens pertencentes a classe trabalhadora.

É preciso situar que apesar das limitações deste trabalho de situar esses movimentos historicamente, compreendamos que são movimentos característicos da

população pobre e negra da periferia, o que também se torna razão nessa sociedade capitalista racista, para a criminalização dessas manifestações culturais. (Araújo, 2018), é aqui que os jovens nesses espaços resistem.

Ao fazer música, jovens se colocam enquanto sujeitos, e no espaço do funk, e do hip hop, por exemplo, foi possível a eles encontrarem e ou construírem significados de referência às suas vivências, de elaborarem experiências, anseios e desilusões, contribuindo para se reinventarem e se fortalecerem num contexto que até então eles não se reconheciam por serem socialmente relegados, assim, o estilo de vida do funk e do rap trazem uma ampliação inclusive no campo das possibilidades concretas, abrindo espaço para outras alternativas que antes não eram visíveis.

É essa cultura que traz a possibilidade de um reconhecimento, de sair da condição de invisíveis, é a possibilidade de transformação do espaço urbano para que se possa utilizá-lo, os jovens querem ser jovens e cidadãos, “este parece ser um aspecto central: pelos estilos rap e funk, os jovens estão reivindicando o direito à juventude” (Dayrell *apud* Brunet, 2012, p.48).

O funk tem sua origem ainda nas décadas de 1960 e 1970, da junção de tradições musicais afrodescendentes brasileiras e estadunidenses, e já na década de 1980 assumiu juntamente a outros ritmos um papel significativo no divertimento da juventude pobre das cidades (Bitencourt, 2017). Isto é, a relação que o ritmo construiu com seu entorno é conturbada, perpassando censuras, deslegitimação e criminalização, mas ocupando o meio cultural como cenário de luta das juventudes por uma manifestação própria que não coincide com os ideais hegemônicos.

É no cenário brasileiro da década de 1980 que o rap chega ao Brasil como integrante do movimento hip-hop, tendo como pilar de disseminação a juventude periférica de São Paulo. Na década seguinte esse estilo ganhou a atenção da indústria musical brasileira e seu conteúdo comporta denúncias e retratos da violência e pobreza sofrida pela juventude nas periferias paulistas (Dornelas, 2021).

A natureza desse trabalho não nos permite aprofundarmos a constituição do funk e do rap em suas raízes e particularidades, mas apontamos os referidos estilos musicais como sendo, primordialmente, expressões culturais de uma juventude na construção da própria identidade e de formas de resistência através de sua cultura. O que entendemos é que, o capitalismo se faz presente também nessas formas

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

culturais, e inclusive constrói vias de utilizá-las ao próprio favor, mas há de se reconhecer o caráter contraditório dessas expressões, que também podem assumir um papel de potencializadoras da construção da identidade e da resistência da juventude.

Entendemos também que em um segundo momento é possível aprofundar a análise partindo do pressuposto de que a juventude da classe trabalhadora é composta por diferentes signos classificatórios - de raça-etnia, gênero, sexualidade - e que as formas de vivenciar e produzir cultura nos territórios periféricos também variam devido a esses e outros marcadores sociais que implicam diferentes vivências no interior da classe, logo, que a construção da cultura vai ser diferente a cada um dos segmentos e que estas vivências estão imbricadas em suas vozes através do funk, do rap, em batalhas de rima, slam, e outros. Ainda é possível considerar os espaços de disputa no interior da cena musical, entendendo ainda que se manifestam invisibilidades de alguns destes jovens que nem sequer conseguem se fazer presente no próprio cenário.

Num movimento da realidade, existem disputas, e no cenário artístico-cultural não seria diferente, tanto o rap quanto o funk tem em seu cerne contradições que se manifestam “ora se apresentando como veículo de opressão e reprodução de preconceito, ora expressando resistência e a militância de grupos ou indivíduos que contribuem para a politização e reflexão da sociedade” (Araújo, 2018, p. 64). E isso se dá justamente no entendimento a respeito da cultura ser parte de uma realidade que é complexa e que está em relação com os sujeitos de forma dialética.

De certo, valorizar e garantir espaço a essas manifestações é fundamental, mas há também de se pontuar a necessidade de garantir o acesso democrático a todas as expressões culturais, aos jovens da classe trabalhadora tudo que a humanidade produziu de belo, de artístico, a cultura dos povos, o conhecimento, uma vez que “a arte é um modo particular de totalização dos conhecimentos na vida” (Konder, 2013, p.137). Assim quanto mais democratizado o acesso, mais cultura poderá ser objetivada de forma universal, sem recortes que afastam e particularizam.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Diante do caminho percorrido nos ficou evidenciado o quanto a sociedade impõe um modo de vida segundo os objetivos de manutenção das relações de produção vigente. Nesse contexto, a maioria da população acaba por formar signos e valores muitas vezes favorecem idealizações distantes de serem alcançadas pois não constituem seu cotidiano. Jovens da classe trabalhadora, vivenciam sua juventude (alguns mais outros menos) a partir das mazelas de um modo de produção que coloca seus signos e significados no processo de construção dos sujeitos definindo seus lugares na ordem social, roubando possibilidades de construções solidárias. As manifestações musicais como o hip hop e o funk emergem enquanto espaço potencial de resistência uma vez que podem criar dinâmicas de identificação e pertencimento coletivo.

Nesse sentido, embora haja um pensamento hegemônico, o sujeito por vezes constroem espaços que, através de suas relações sociais e vivências territoriais podem organizar partes de sua vida possibilitando trocas de vivências e saberes que de certa forma ganham espaço nos diferentes territórios.

No entanto, é preciso atenção, esses movimentos não passam despercebidos da indústria musical que em um giro a seu favor também se apropriam dessas formas potenciais de resistências, gerando espaços de falso pertencimento e protagonismo, portanto, no cerne desta contradição, se insere a importância da constituição dos sujeitos enquanto sujeitos de transformação, sujeitos de resistência, coletivo, que tem através dos espaços de pertencimento, através dos territórios vividos, uma gama de possibilidades de mudanças do cotidiano que os assola.

Com base em tudo o que já dissemos, entendemos que os jovens assumem diferentes características baseados no seu contexto socioeconômico, no signo classificatório que acarretam vivências muito marcada por eles (de raça-etnia, gênero, sexualidade por exemplo), no contexto territorial, e também de sua cultura, assim, é preciso cuidado ao falar da juventude, sem homogeneizá-la.

Não podemos deixar de pontuar que o processo de pasteurização da cultura, como em qualquer local, não passa ao longe das manifestações citadas, ao contrário,

dados sua forte expressão e entrada nas camadas populares, a lógica da indústria musical já estende seus tentáculos para essas formas de expressão.

Entretanto, os jovens da classe trabalhadora embora em primeira mão não encontrem muitas opções e sejam submetidos às imposições da indústria musical, também encontram possibilidades de levar sua voz, sua história e de revelar suas vivências coletivas através de letras cantadas nos estilos mais difundidos em seu território, que hoje tende a ser o funk e o hip hop.

Todo esse processo é decisivo para demarcação de um canto de resistência que tem ocupado lugar essencial na vida de muitos jovens no que diz respeito à construção de sentimentos de pertencimento e construção de coletividade, bem como de seu fortalecimento enquanto sujeitos a partir de suas vivências constituídas no território vivido que através dessas manifestações, se expande cada vez mais para toda a cidade.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Nicole Barbosa de. **Juventude e resistência: O funk** como forma de expressão dos(das) jovens da periferia. Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. p. 1-106. 2018

BECKER, B. K.; SANTOS, M. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Editora Lamparina, 3ª ed., Rio de Janeiro, 2011.

BITENCOUT, B. F. Ocupar e Resistir: a ressignificação do funk na luta dos estudantes. **Caderno de Letras UFF**, Niterói, v. 27, n. 54, p. 261-272, jan-jun, 2017.

BRUNET, M. B. **Juventude e Produção Cultural: Formas de Resistência?** A relação das políticas públicas de cultura com a produção cultural de jovens da periferia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DORNELAS, L. Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil. In: **Redbull**. [S. l.], 17 fev. 2021. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FACINA, A. Indústria Cultural e alienação: questões em torno da música brega. V **Colóquio Internacional Marx e Engels**, 2007. Disponível em:

https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/qt6/sessao1/Adriana_Facina.pdf Acesso em: 04 ago. 2024.

KONDER, Leandro. Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. São Paulo: Expressão Popular. 2013.

MARX, K. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

NETTO, J. P. Transformações societárias e serviço social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 50, p. 87-132, abril, 1996.

SOMBRA, L. Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor. **Revista Sísifo**. Feira de Santana - BA, 2015, n°1, vol. 1. Disponível em: https://www.revistasisifo.com/2015/05/identidade-dos-sujeitos-linguagem_2.html Acesso em: 04 ago. 2024.

WILLIAMS, R. **A cultura é de todos (Culture is Ordinary)** 1958. Tradução de Maria Elisa Cevasco. Departamento de Letras, USP, 2008.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná